



# SEXO E RAÇA EM MATEMÁTICA, MATEMÁTICA APLICADA E ESTATÍSTICA:

## PERFIL DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO NO BRASIL

### CONTEÚDOS

- 1 1. Introdução
- 3 2. Base de dados
- 5 3. Perfil dos estudantes por sexo
- 11 4. Perfil dos estudantes por raça
- 18 5. Considerações finais
- 29 Referências



Comissão  
de Gênero  
e Diversidade  
SBM ▪ SBMAC

# 1. INTRODUÇÃO

Este texto visa mapear o perfil dos estudantes de ensino superior de matemática, matemática aplicada e estatística com relação às variáveis sexo e raça no Brasil. Para isso, iremos analisar dados de estudantes do ensino superior público e privado, nos cursos de graduação no período de 2009 a 2019.

Desde a década de 1970, o Brasil observou um aumento do número de estudantes com acesso ao ensino universitário e, em particular, esse aumento foi maior para as mulheres, que se tornaram mais escolarizadas que os homens. O percentual de população com mais de 20 anos que concluiu o ensino superior passou de 2,18 em 1970 para 4,68 em 2000 (Censos Demográficos de 1970 e 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)), um aumento de 115%. No recorte de sexo, temos que para os homens a participação no ensino superior passou de 2,8% em 1970 para 5,3% em 2000 (aumento de 89%) e para as mulheres esse crescimento foi maior, passando de 1,7% para 6,8% (aumento de 300%). Guedes (2008) apresenta uma discussão mais detalhada sobre a evolução histórica do ensino superior no Brasil. Apesar da expansão da participação das mulheres no ensino superior, os cursos da área de exatas sofrem historicamente com grandes diferenças de participação entre homens e mulheres, com evidente sub-representatividade do sexo feminino.

Segundo os Censos Demográficos de 1970 e 2000 do IBGE, houve um grande crescimento da participação feminina entre os formados na área de matemática e afins. Na estatística, a proporção de mulheres formadas passou de 17% (1970) para 47% (2000) e na matemática de 39% (1970) para 60% (2000). Dentre os brasileiros com formação universitária, as mulheres representavam 25,6% em 1970, passando a 52,8% em 2000. Dados do Censo da Educação Superior de 2009 indicam que 58,8% do total de concluintes são mulheres, enquanto esse percentual é ainda maior se considerarmos apenas a modalidade à distância (76,2%). Uma pergunta importante é se as mulheres ainda são sub-representadas, em particular nos cursos de graduação em matemática, matemática aplicada e estatística no Brasil. Além disso, o padrão tem se alterado ao longo do tempo? Existem ganhos na participação feminina nesses cursos? Há diferenças geracionais no perfil dos estudantes? Há diferenças demográficas entre os alunos com relação a raça e sexo?

A Seção 2 deste texto descreve a base de dados utilizada nas análises. A Seção 3 expõe o perfil dos estudantes nas universidades públicas e privadas para os cursos de interesse nesse estudo. Na Seção 4 consideramos recortes de raça e raça *versus* sexo que visam detalhar ainda mais as principais diferenças observadas para homens e mulheres na área de exatas. A Seção 5 apresenta algumas considerações finais e reflexões sobre o tema.

## 2. BASE DE DADOS

Os bancos de dados utilizados nesta análise foram coletados junto ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) no primeiro semestre de 2020. Os dados se referem ao Censo da Educação Superior (Censup) no período de 2009 a 2019 e tomamos 2009 como ano inicial da análise porque a partir desta data o Censup adotou uma padronização do banco de dados. Esses dados disponibilizados incluem todos os alunos regularmente matriculados em instituições públicas e privadas de ensino superior no Brasil. Foram selecionados os alunos ingressantes e formados em cada ano considerado. A análise abrange principalmente as variáveis sexo, raça e características dos cursos de interesse. Seguindo as categorias disponibilizadas pelo Censup, a variável sexo é definida como feminino e masculino, a variável raça como amarela, branca, indígena, parda e preta, além das opções “não quis declarar” e “não dispõe de informação” (desconhecida). A **Tabela 1** apresenta a descrição detalhada de todas as variáveis.

**Tabela 1:** Descrição das variáveis utilizadas no estudo

Variável	Número de Categorias	Descrição das Categorias
Ano	11	2009 a 2019
Situação	2	Ingressante; Formado
Área do Curso	4	Matemática; Matemática aplicada e computacional; Matemática formação de professor; Estatística
Sexo	2	Feminino; Masculino
Tipo de Curso	2	Bacharelado; Licenciatura
Faixa Etária	6	Até 24 anos; De 25 a 34 anos; De 35 a 44 anos; De 45 a 54 anos; De 55 a 64 anos; 65 anos ou mais
Modalidade de Ensino	2	Presencial; Distância
Categoria administrativa	3	Público; Privado; Especial
Raça	7	Amarela; Branca; Indígena; Parda; Preta; Desconhecida; Não quis declarar

A **Tabela 2** apresenta o total de alunos segundo a área do curso e de acordo com a situação (ingressantes e formados). Destacamos que seguindo a base de dados do Inep, a denominação matemática formação de professor é utilizada para englobar a maior parte dos cursos de licenciatura em matemática, nome mais comumente utilizado aqui no Brasil para os cursos de formação de professores. Já na denominação matemática encontra-se a maioria dos cursos de bacharelado em matemática.

**Tabela 2:** Número de alunos ingressantes e formados segundo a área

Área do Curso	Ingressantes	Formados
Matemática	13.013 (3,38%)	2.240 (2,23%)
Matemática aplicada e computacional	5.036 (1,31%)	1.374 (1,37%)
Matemática formação de professor	348.264 (90,41%)	92.041 (91,77%)
Estatística	18.883 (4,90%)	4.648 (4,63%)
<b>Total</b>	<b>385.196 (100,00%)</b>	<b>100.303 (100,00%)</b>

Na **Tabela 3** apresentamos o número total de alunos ingressantes e formados por ano para o período do estudo (2009-2019). Os dados mostram que o número de ingressantes é mais que o dobro em 2019 quando comparado a 2009. O mesmo padrão é observado para os formados, porém para os formados os números de alunos em cada ano são muito menores, o que pode ser justificado por diversas razões que não serão discutidas neste texto, principalmente pela evasão.

**Tabela 3:** Número de alunos para as situações de Ingressantes e Formados para os anos de 2009 a 2019.

Ano	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Ingressantes	21.976	24.750	27.884	32.157	29.979	23.921	35.423	40.324	51.158	49.528	48.096
Formados	5.642	7.793	7.648	7.606	7.776	8.108	10.153	11.214	11.358	11.558	11.447

### 3. PERFIL DOS ESTUDANTES POR SEXO

Vimos que no Brasil houve um grande crescimento da participação feminina no ensino superior ao longo das últimas décadas. Porém, para cursos da área de exatas, em particular na matemática, o cenário indica que existe sub-representatividade das mulheres e de alguns grupos demográficos.

No contexto de ingresso nos cursos de interesse deste trabalho (descritos na Tabela 2), o percentual de ingressantes mulheres flutua em torno de 40 ao longo do período de estudo. Com relação aos formados, podemos observar uma proporção de 53% em 2009, enquanto que a de concluintes mulheres na universidade é 58,8% (Censup, 2009). A Figura 3.1 mostra a evolução temporal da participação feminina no ingresso aos cursos no período de 2009 a 2019. O perfil não mostra indícios de tendência de crescimento da participação feminina entre os ingressantes, sendo esta 42% em 2009 e 39% em 2019. No contexto de formados por sexo, os dados mostram queda de 53% em 2009 para 49% em 2010 na participação do sexo feminino. Porém, entre 2010 e 2019 observamos um padrão estável semelhante ao padrão de ingressantes do sexo feminino, variando de 49% em 2010 a 47% em 2019.

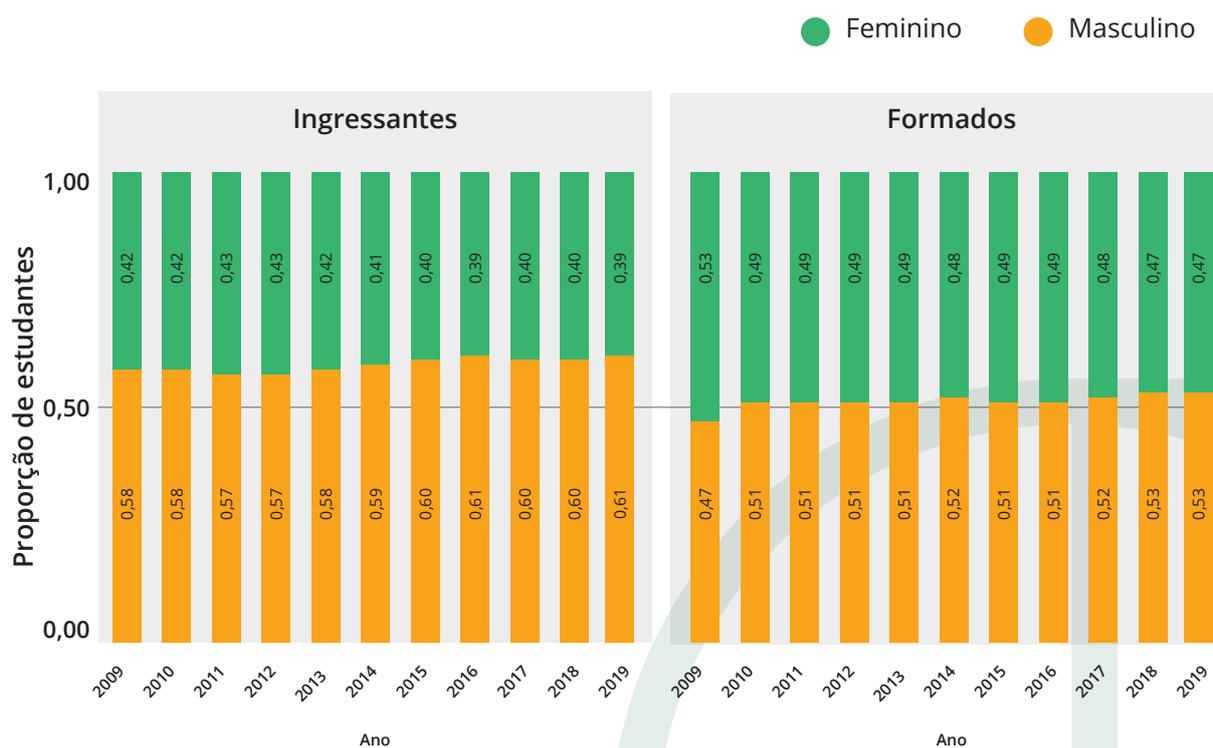


Figura 3.1: Proporção de ingressantes e formados por ano segundo sexo.

Apesar da proporção de ingressantes mulheres ser cerca de 40% nos cursos analisados, é interessante observar a evolução temporal segundo o tipo de curso (bacharelado ou licenciatura), conforme a Figura 3.2. A proporção de mulheres ingressantes em bacharelados é ainda mais baixa, observando um decréscimo de 39% (2009) para 28% (2019). No caso dos formados, enquanto a proporção geral passou de 53% para 47%, no bacharelado essa proporção passou de 43% para 37%, indicando que a participação feminina tem níveis muito menores nos cursos de bacharelado e vem reduzindo ao longo do tempo. Essa maior preferência feminina pela licenciatura quando comparada ao bacharelado está de acordo com a tendência relatada em Guedes (2008) de que as mulheres têm uma maior participação em carreiras de magistério e cuidado, e que essa participação continua crescendo ao

longo dos anos. Por exemplo, segundo dados do Censo 2000 (IBGE) na carreira de pedagogia, o percentual de participação feminina passou de 84 (1970) para 93 (2000), e em letras passou de 73 (1970) para 87 (2000).

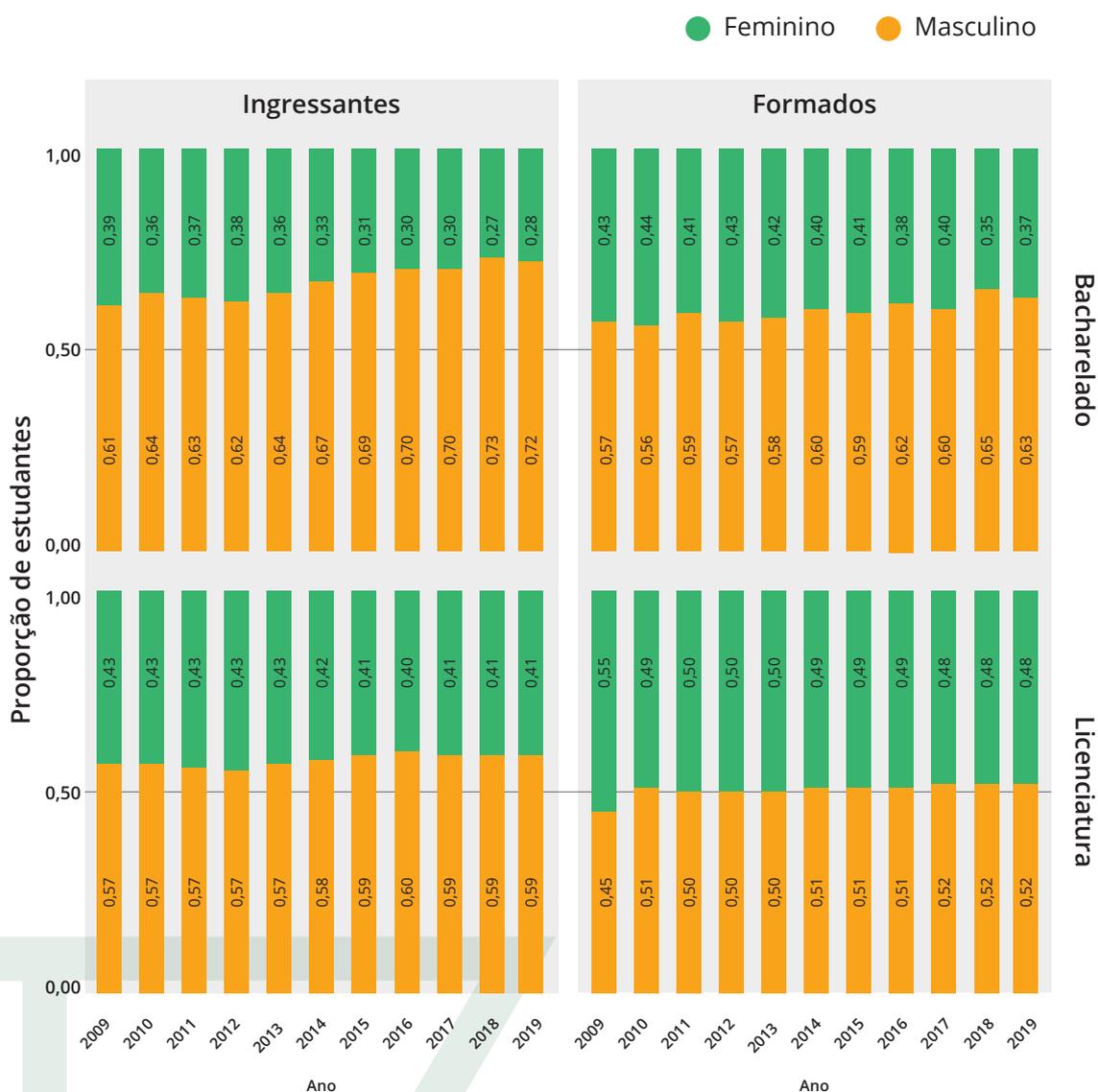


Figura 3.2: Ingressantes e formados por ano segundo tipo de curso (bacharelado e licenciatura).

A Figura 3.3 apresenta as proporções de ingressantes e formados por sexo e área do curso. Claramente, os cursos de bacharelado em matemática apresentam uma porcentagem menor de estudantes mulheres (tanto ingressantes quanto formados). O curso de estatística apresenta um comportamento bem peculiar: a porcentagem de formadas mulheres de 2009 a 2013 está bem próxima de 50 e diminui um pouco a partir desse momento. Com relação aos ingressantes, observa-se claramente uma tendência de queda na proporção de mulheres de 41% (2009) para 29% (2019). Os cursos de formação de professores, representados em geral pelas licenciaturas em matemática, apresentaram decréscimo no percentual de mulheres tanto entre ingressantes quanto formados. Os cursos de matemática aplicada e computacional apresentam historicamente percentuais bastante baixos de mulheres entre ingressantes e formados, indicando um padrão similar aos cursos de bacharelado em matemática.

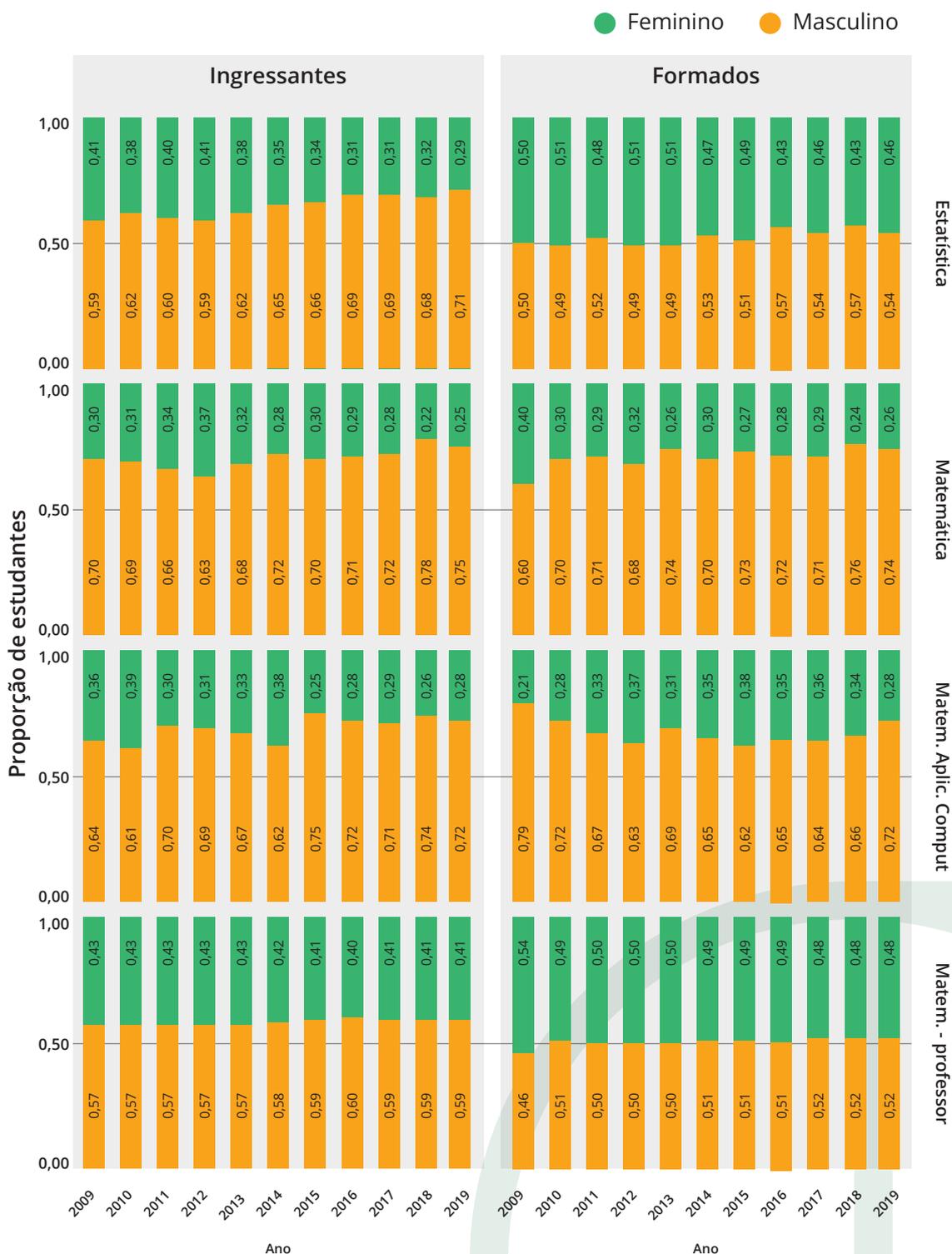


Figura 3.3: Ingressantes e formados por ano segundo curso.

A discussão da participação feminina deve abranger também a ideia de coortes da população visto que há uma tendência de aumento dessa participação quando olhamos para mulheres em grupos etários mais jovens. Por exemplo, no censo de 2000 tínhamos 60% de mulheres dentre os formados em matemática (Guedes, 2009), no entanto esse percentual aumenta para 67 se considerarmos o coorte de mulheres de 20 a 29 anos. Para deixar mais clara a diferença geracional em nosso estudo, a Figura 3.4 mostra a proporção de homens e mulheres ao longo do tempo por faixas etárias, considerando todos os cursos analisados. Notamos, por exemplo, que para os

ingressantes a faixa etária de 25 a 34 anos tem uma participação maior de mulheres, passando de 45% (2009) a 41% (2019), quando comparada aos grupos etários de 55 a 64 anos (23% a 31%) e mais de 65 anos (20% a 17%). Esse comportamento pode indicar que a participação feminina no ingresso a esses cursos tem se expandido entre os mais jovens. No caso de formados, o padrão geracional é similar, porém com níveis mais altos. Neste caso, o corte até 24 anos já mostra que o percentual de mulheres supera o de homens em todo período de estudo (58% em 2009 e 53% em 2019). É importante ressaltar que na maioria dos recortes etários o padrão é de decréscimo dos percentuais de participação feminina ao longo do tempo.

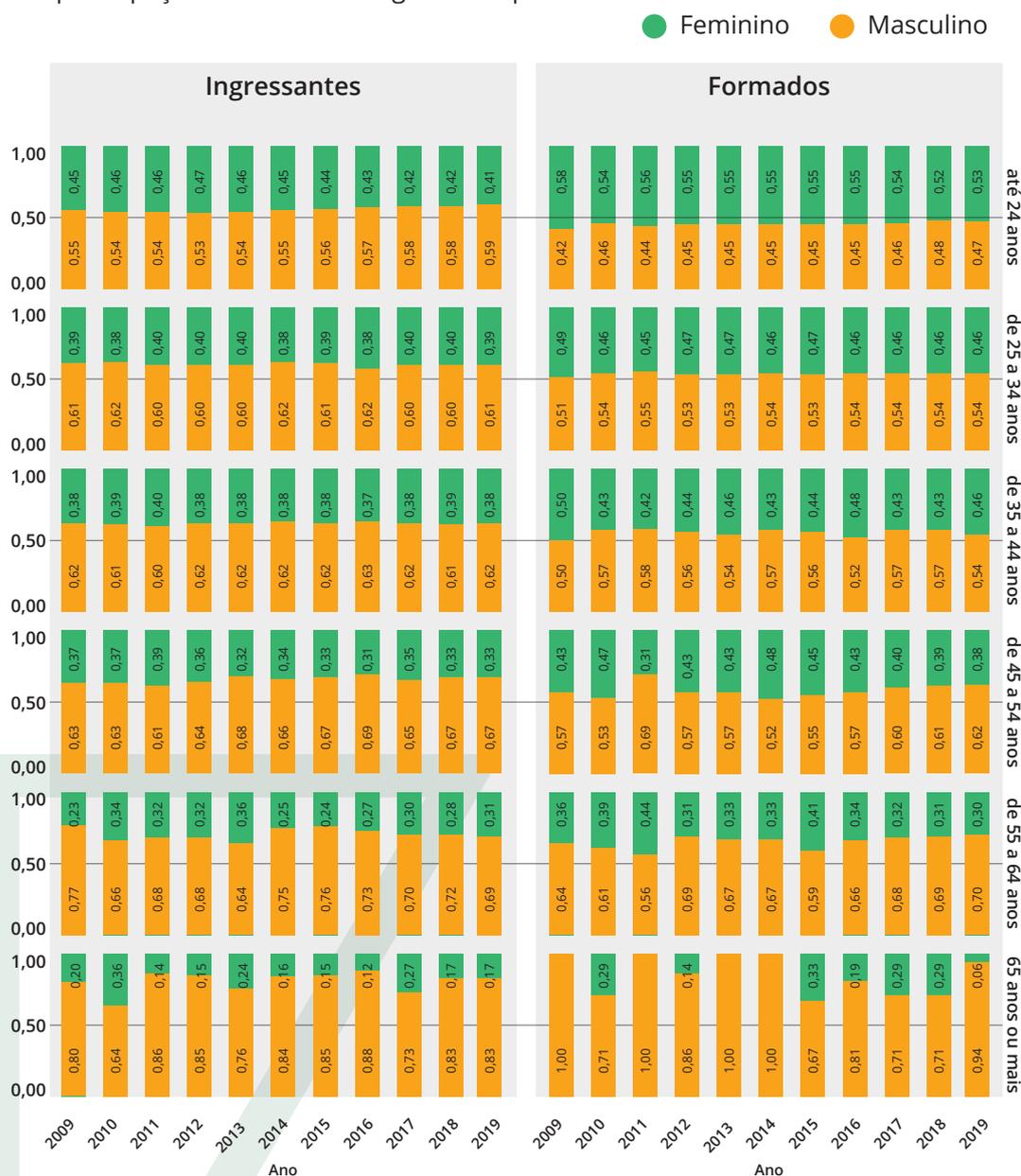


Figura 3.4: Ingressantes e formados por ano segundo coortes de idade.

Outro aspecto da composição de sexo a ser destacado é a diferença da participação feminina nos cursos de acordo com as modalidades presenciais e à distância. Dados do Censo da Educação Superior de 2021 (INEP, 2022) indicam que houve um crescimento muito expressivo dos ingressantes na modalidade de ensino à distância no Brasil, passando de 18,4% em 2011 para 62,8% em 2021. Também no EAD as mulheres são maioria (59% em 2021). Porém, esse padrão geral não se confirma no contexto de cursos de matemática e afins. A **Figura 3.5** mostra a proporção de mulheres no ensino a distância e presencial para ingressantes e formados, e em todos os recortes o percentual de participação feminina é menor que dos homens para todo o período de estudo.

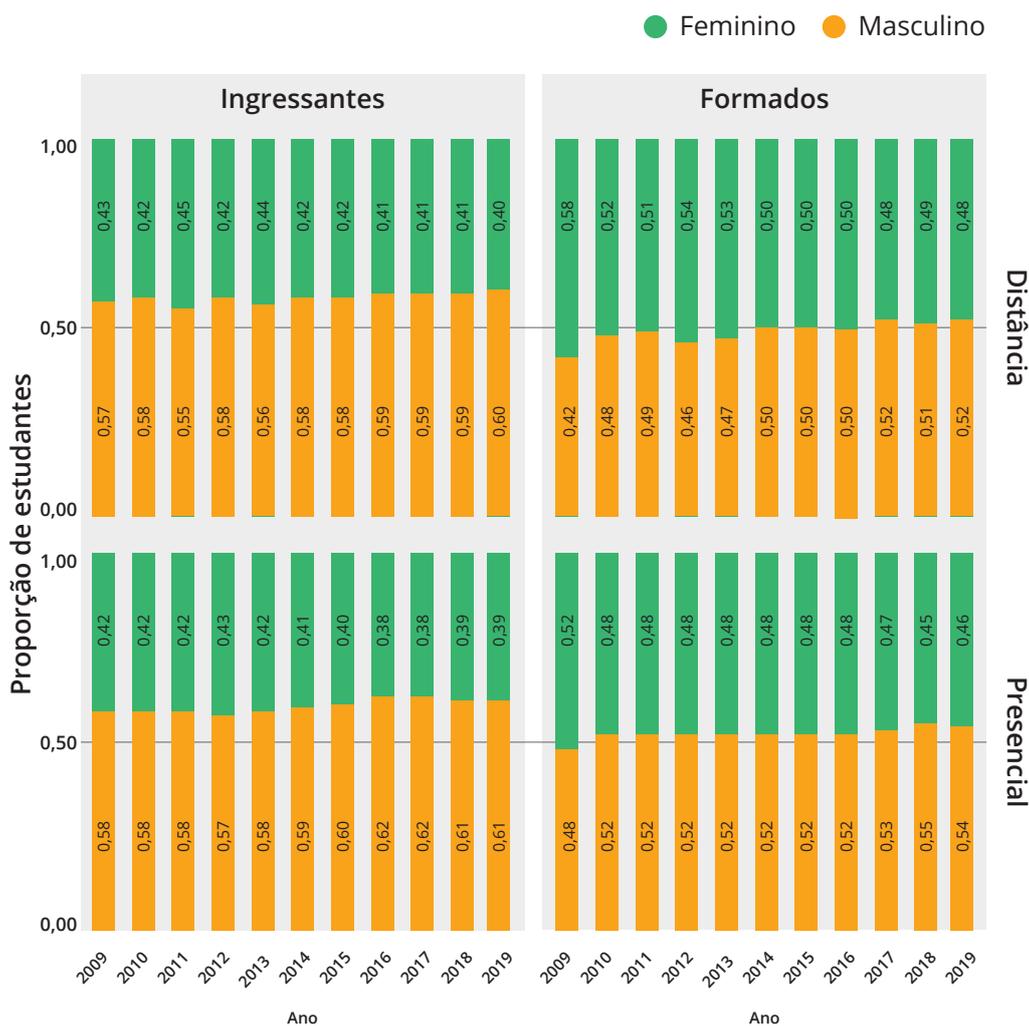


Figura 3.5: Ingressantes e formados por ano segundo modalidade do curso (à distância e presencial).

A Figura 3.6 mostra a divisão dos discentes segundo a categoria administrativa (especial, pública e privada) e sexo para os cursos analisados no período de estudo. A categoria especial refere-se a instituições que não são total ou preponderantemente mantidas com recursos públicos (INEP, 2023). Note que os padrões da participação feminina são similares para universidades públicas e privadas tanto para ingressantes quanto para formados. Esse padrão é similar ao geral observado na Figura 3.1.

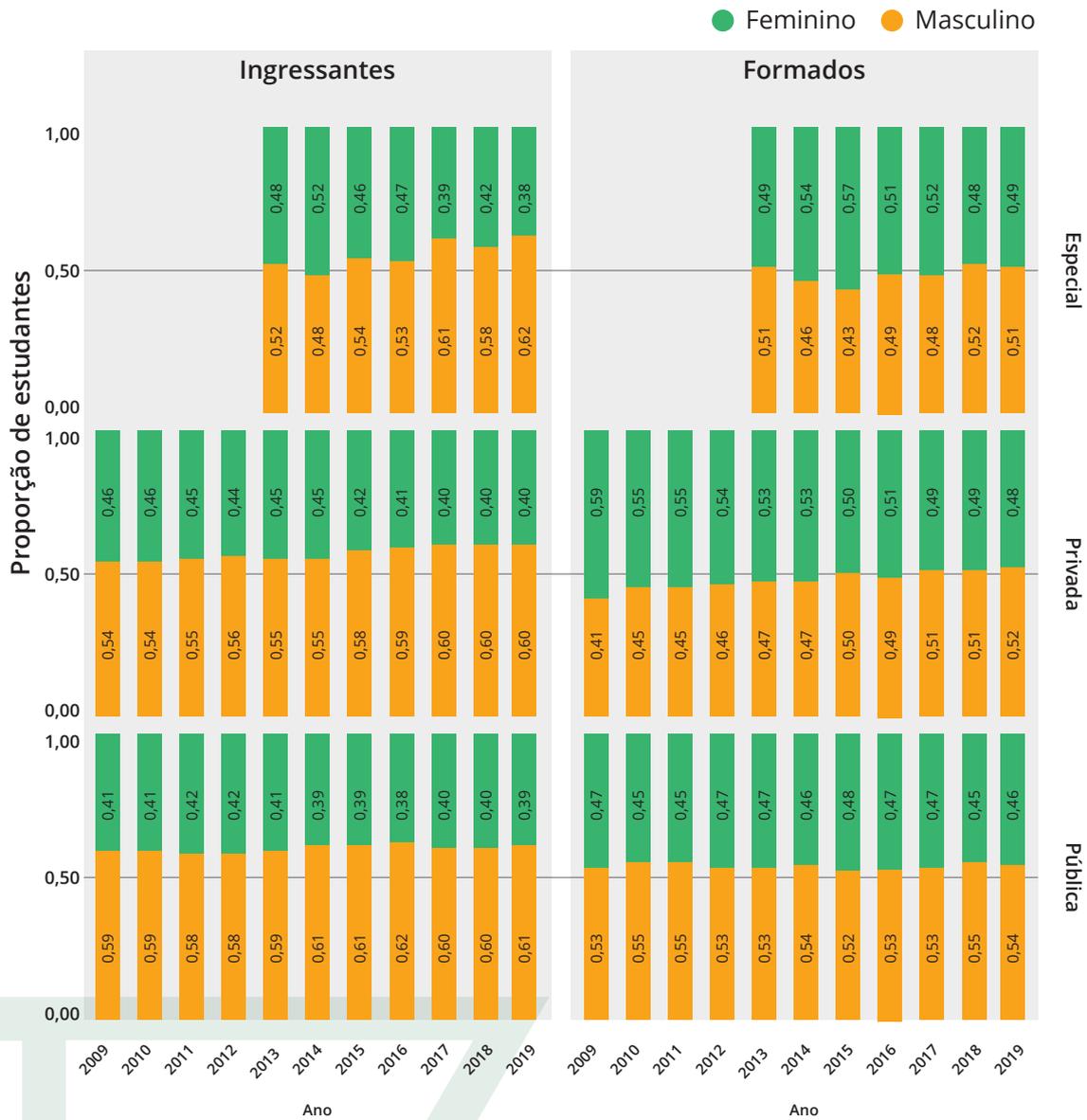


Figura 3.6: Ingressantes e formados por ano segundo categoria administrativa (Especial, privada e pública).

## 4. PERFIL DOS ESTUDANTES POR RAÇA

Ao estudar o perfil sociodemográfico dos estudantes dos cursos analisados (Tabela 2), uma pergunta importante é se a distribuição racial vem se alterando ao longo do tempo, principalmente após a Lei de Cotas Lei 12.711 aprovada em 2012 e implementada a partir de 2013. Senkevics et al. (2019) apresentam resultados para o período de 2012 a 2016, encontrando uma mudança significativa, com aumento de presença de autodeclarados pretos e pardos entre os discentes, principalmente em universidades públicas. No recorte deste trabalho, observamos uma mudança no padrão ao longo do tempo para os ingressantes, com clara diminuição da categoria “não dispõe de informação” (desconhecida). O percentual de pardos passou de 11 em 2009 para 34 em 2019, um aumento de 209%. Os brancos passaram de 16% em 2009 para 40% em 2019, um aumento de 150%. A Figura 4.1 ilustra essa mudança do perfil ao longo do período em estudo. O padrão para os formados é similar ao padrão dos ingressantes em todas as categorias de raça ao longo do tempo. Em ambos os casos (ingressantes e formados), as proporções de estudantes que se declaram de cor/raça preta, amarela e indígena se mantiveram aproximadamente estáveis até 2014 e apresentaram leve crescimento a partir de então, sendo as duas últimas as menos frequentes.

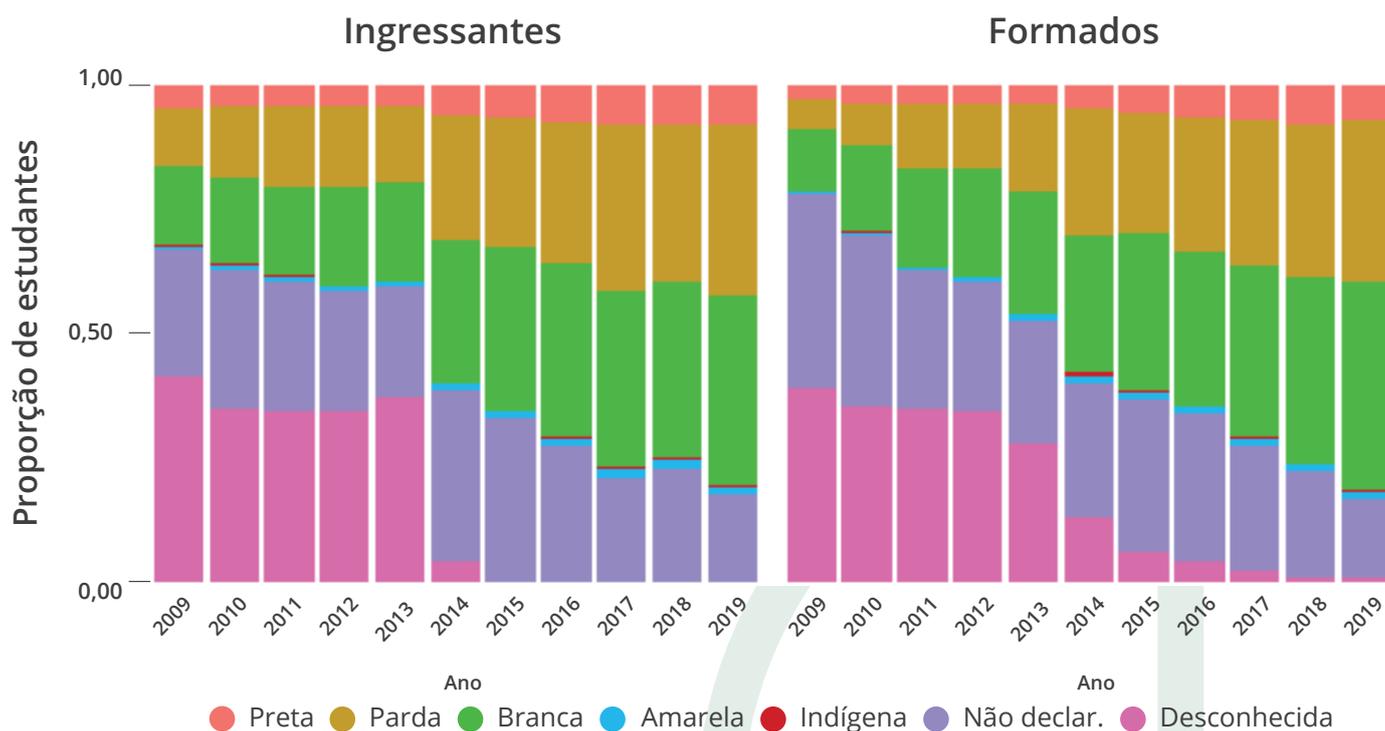


Figura 4.1: Ingressantes e formados por ano segundo raça.

Se considerarmos o recorte raça-sexo, as diferenças na participação de homens e mulheres são ainda maiores. No contexto geral, vimos que a proporção de mulheres ingressantes se manteve aproximadamente estável em torno de 40% no período (Figura 3.1). No caso da raça preta, os níveis foram sempre mais baixos (34% em 2009 e 37% em 2019), tendo um pequeno crescimento nos últimos anos, mas ainda se mantendo abaixo do geral. Um padrão similar é observado no caso dos indígenas, com aumento de 26% (2009) para 32% (2019) para ingressantes mulheres. Essas tendências são mostradas na Figura 4.2 e evidenciam a sub-representatividade feminina com os recortes por raça.

No caso de formados, o percentual feminino geral passou de 53 para 47 (Figura 3.1), enquanto que para os pretos esse percentual aumentou de 32 para 42, mantendo-se abaixo do nível geral. Um padrão de crescimento foi também observado entre os indígenas (50% em 2009 para 59% em 2019). Entre os pardos, esse percentual tem se mantido aproximadamente estável e abaixo do geral (44% em 2009 e 45% em 2019).

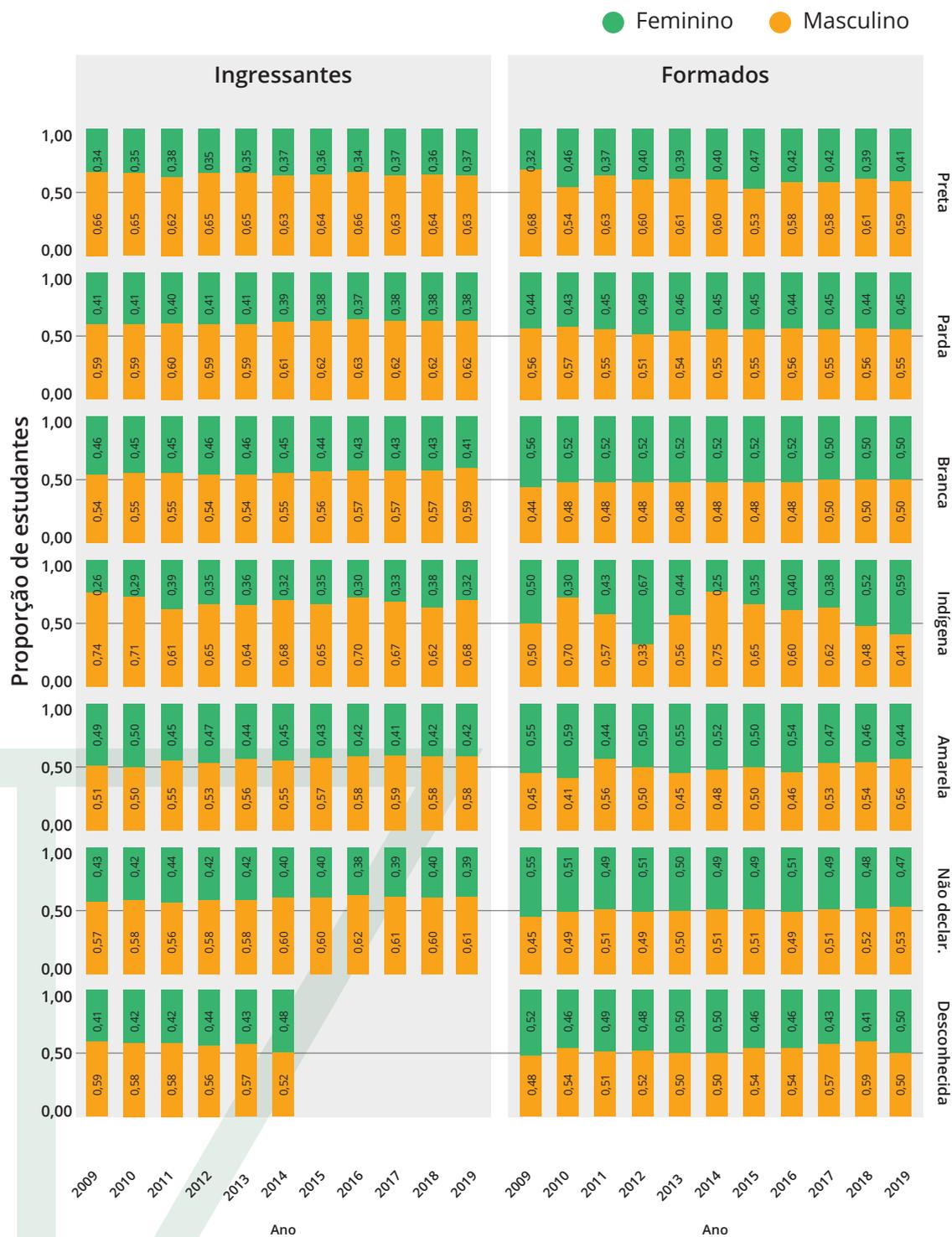
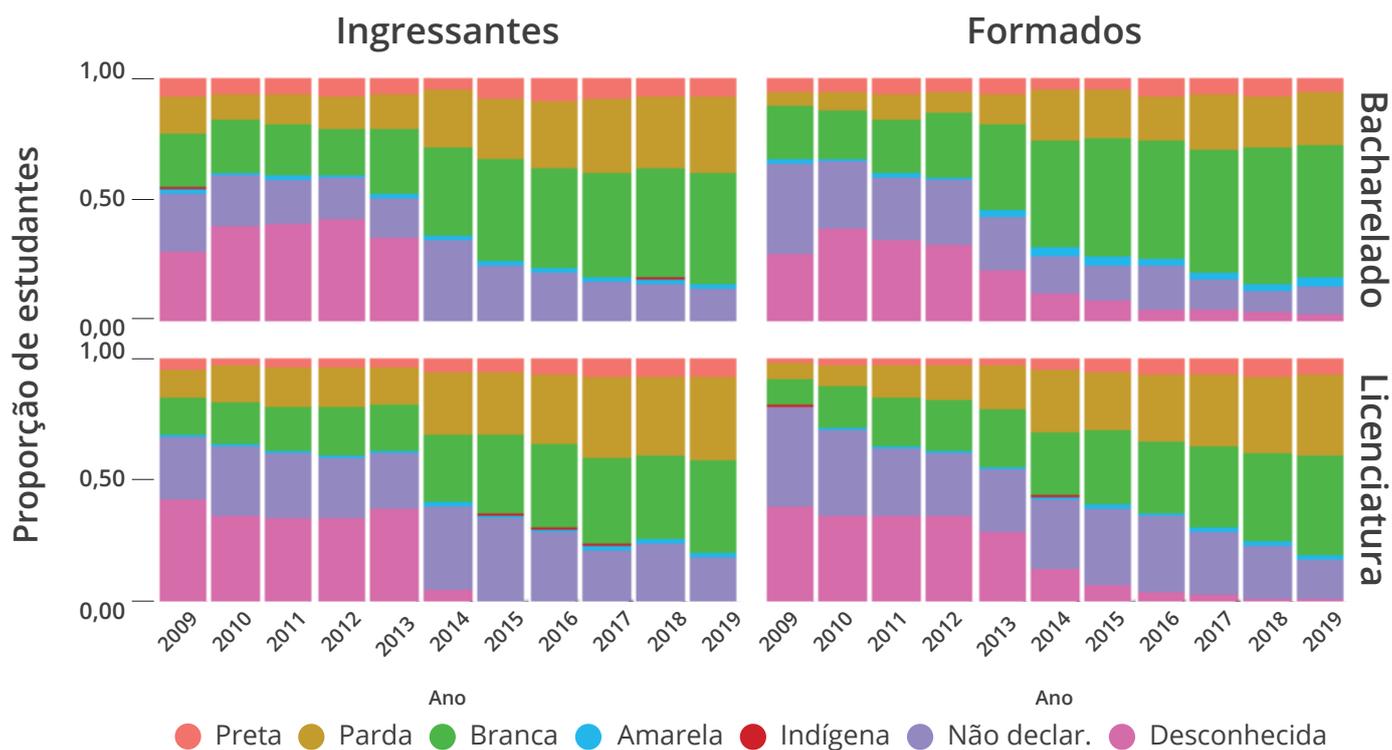


Figura 4.2: Ingressantes e formados por ano segundo raça e sexo.

No contexto geral da população universitária, Senkevics destaca que em instituições públicas, o percentual de pretos, pardos, indígenas e estudantes oriundos de escola pública passou de 27,7% em 2012 para 38,4% em 2016. No caso de estudantes de matemática e áreas afins, houve aumento na participação dos pretos e pardos

passando de 11% (2009) para 34% (2019) como ilustrado na Figura 4.1. Porém, esse aumento foi diferente quando consideramos agrupamentos específicos. Por exemplo, quando comparamos o perfil racial para estudantes formados em bacharelado e licenciatura (Figura 4.3) notamos um crescimento maior do grupo de pretos e pardos nos cursos de licenciatura. Os percentuais passam de 11 e 8 pontos em 2009 para bacharelado e licenciatura, respectivamente, para 27% e 40% em 2019. O mesmo não ocorre para os ingressantes (Figura 4.3), que possuem perfil parecido com relação à participação de pretos e pardos na licenciatura e bacharelado. Há uma diferença quanto à proporção de alunos que não quiseram declarar a raça, sendo esta maior na licenciatura.



**Figura 4.3:** Ingressantes e formados por ano segundo raça e tipo de curso.

Note na Figura 4.4 que, dentre os que declararam, a raça branca é maioria para todo período de 2009 a 2019 para todos os cursos, com um aumento do percentual dessa raça no período. O perfil tem se alterado para todos os cursos, com aumento dos declarantes das raças parda e preta e grande diminuição dos que não declararam a raça.

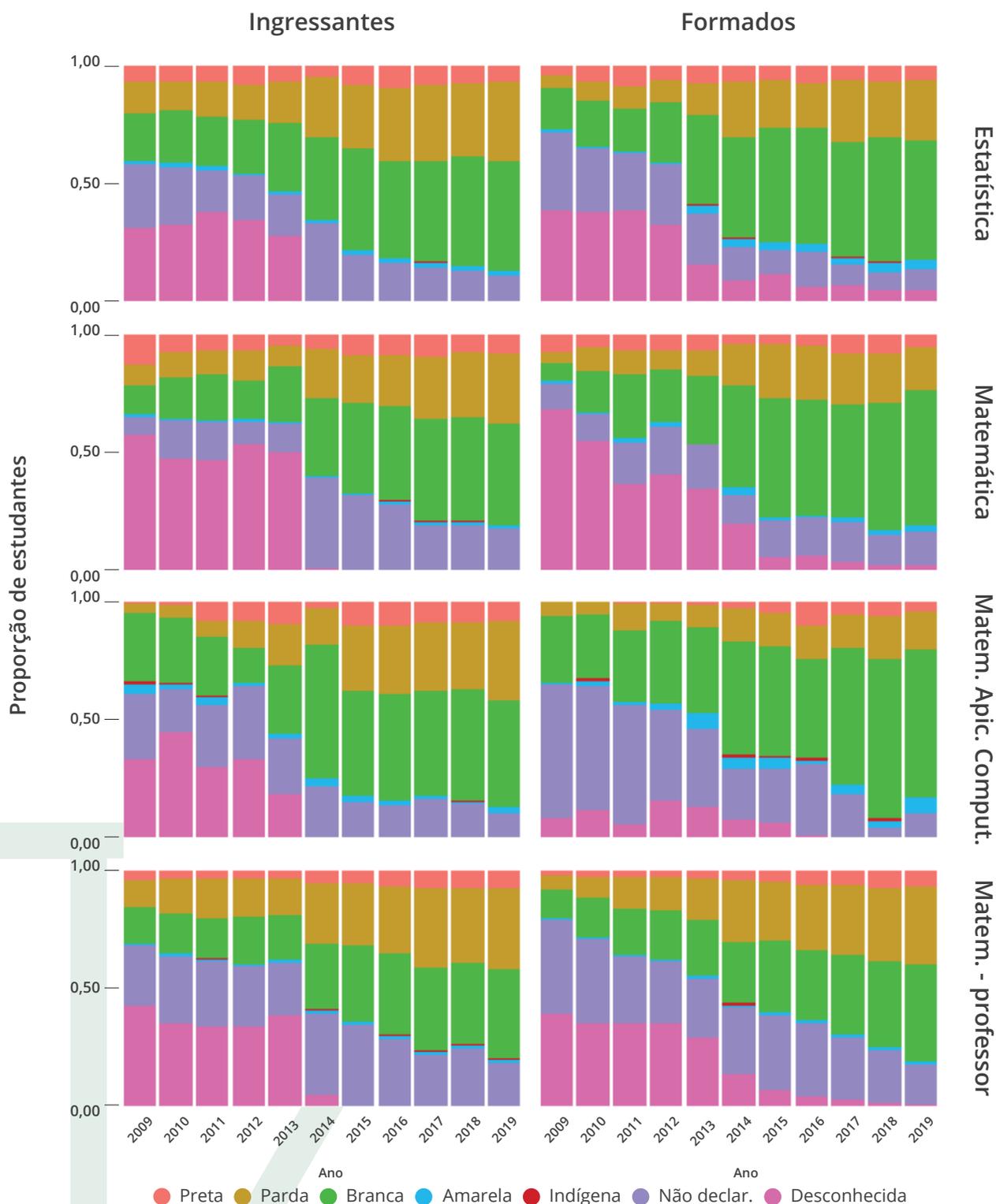


Figura 4.4: Ingressantes e formados por ano segundo raça e área do curso.

Em termos geracionais, nota-se na **Figura 4.5**, ao compararmos a geração de até 24 anos com a geração de 55 a 64 anos, que há diferença evidente na composição de raças. Em particular, o percentual de pretos e pardos formados na geração mais jovem passa de 17 pontos em 2009 para 46,5 pontos, um acréscimo de 29%, enquanto esse percentual passa de 11 para 24 na geração de 55 a 64 anos (acréscimo de 13%).

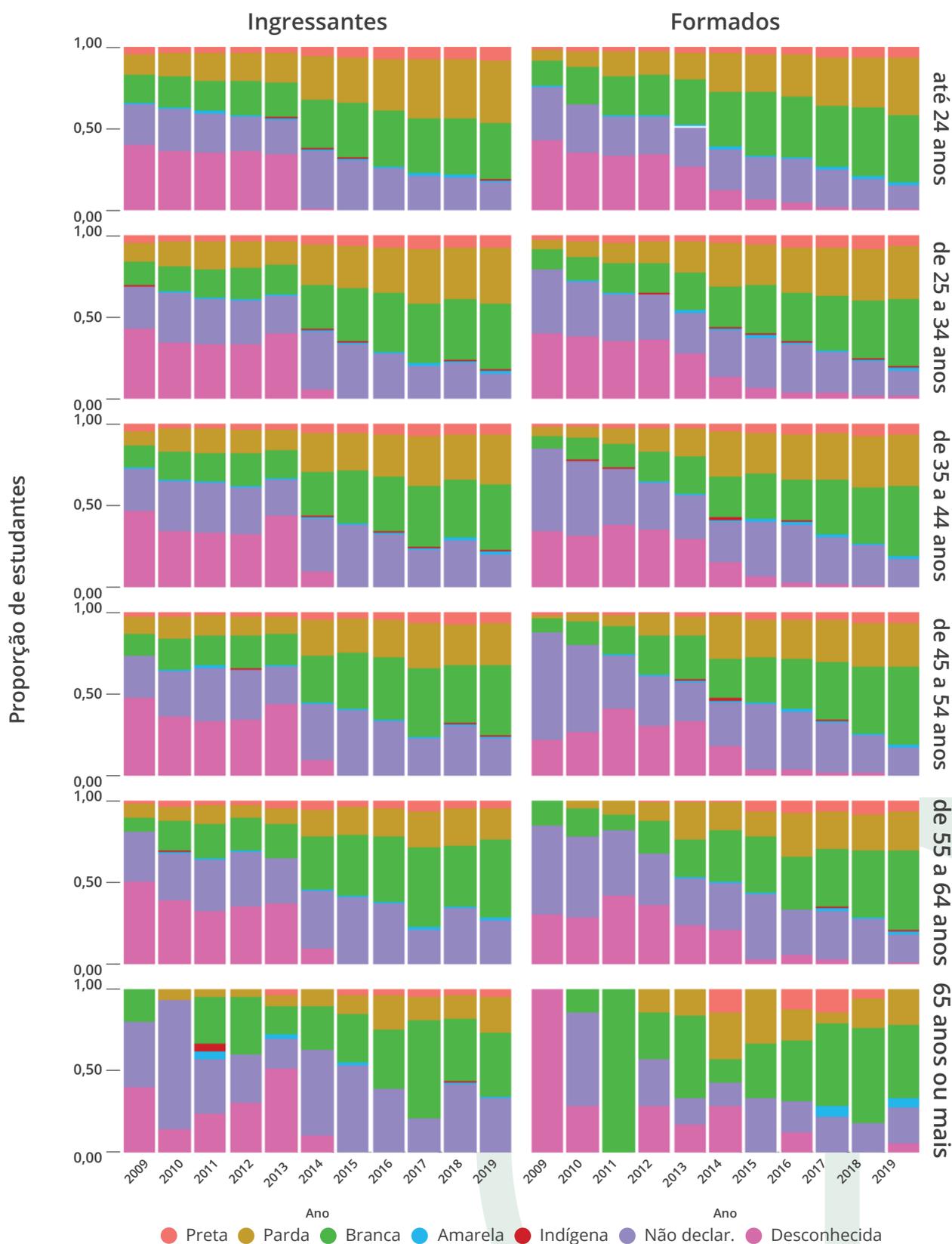


Figura 4.5: Proporção de estudantes ingressantes e formados por ano segundo a raça e faixa etária.

No caso de cursos a distância ou presencial, houve também diminuição acentuada da categoria desconhecida ou não quis declarar tal como observado na Figura 4.6. Observamos um aumento expressivo da proporção de

ingressantes e formados pretos e pardos nos cursos presenciais. Para os cursos a distância, o crescimento foi um pouco menor mas ainda assim bastante grande no período em estudo.



**Figura 4.6:** Proporção de estudantes ingressantes e formados por ano segundo a raça e modalidade de ensino.

No contexto de instituições públicas ou privadas, um padrão que se destaca tanto em ingressantes e formados é a diminuição acentuada da categoria desconhecida ou não quis declarar (**Figura 4.7**). Note que no caso de brancos houve um aumento maior da proporção de ingressantes e formados nas instituições privadas. Observamos um crescimento na proporção de pardos e pretos, em especial após 2013.

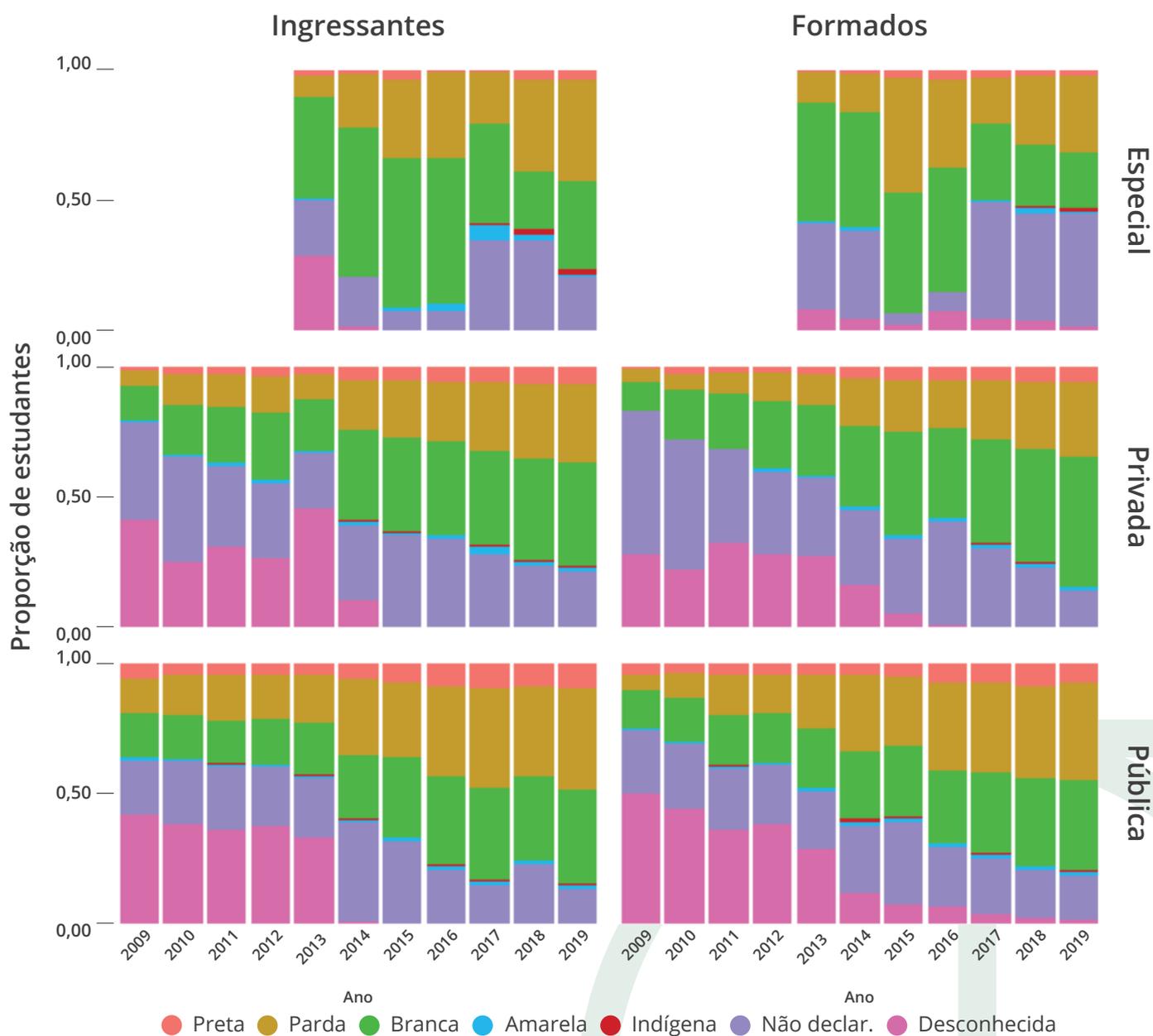


Figura 4.7: Proporção de estudantes ingressantes e formados por ano segundo a raça e categoria administrativa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto apresentou um panorama geral do perfil dos ingressantes e formados nos cursos de matemática, matemática aplicada e computacional e estatística segundo sexo e raça no Brasil. Seu principal objetivo é trazer reflexões em torno das perguntas propostas na Introdução. As análises aqui apresentadas mostram que, contrariando a tendência de crescimento da participação feminina nos cursos universitários, para os cursos em estudo houve estabilidade na proporção de ingressantes mulheres e declínio na proporção de formadas. Além disso, a participação feminina se mantém abaixo da masculina nesses cursos, novamente contrariando as tendências nacionais que mostram maioria de mulheres nos cursos universitários. Quando comparamos gerações, quanto mais jovem, maior a participação feminina nos cursos em estudo, porém há tendência de declínio na proporção de mulheres mesmo para as gerações mais jovens. Outro aspecto que contraria tendências nacionais é de que enquanto a presença de mulheres no ensino a distância tem crescido no Brasil nos últimos anos, isso não é observado para os cursos em estudo.

Essas tendências de diminuição da participação feminina nos cursos de interesse deste estudo fazem parte de um quadro mais amplo de menor participação de mulheres em cursos de maior prestígio ou de melhor remuneração e maior participação feminina em cursos com foco em cuidado e ensino. Vale ressaltar que o mercado de trabalho na área vem sofrendo mudanças significativas em anos recentes. Em particular, houve o surgimento e popularização da ciência de dados (que é uma área de atuação profissional situada na interface entre a estatística e a ciência da computação) e também dos avanços da inteligência artificial, os quais também podem utilizar ferramentas estatísticas. A popularização dessas áreas juntamente com o aquecimento do mercado de trabalho mudaram a valorização do curso de estatística, que passou de uma opção completamente pouco procurada e desconhecida a bastante desejada por egressos do ensino médio. Neste contexto, houve também um aumento da procura masculina por esses cursos. Os dados mostram que a tradição histórica que remonta à década de 1970 de maior presença feminina em cursos de magistério e cuidado pode ser confirmada também na matemática no período de 2009 a 2019, com presença menor de mulheres em cursos de bacharelado quando comparamos com os cursos de licenciatura. A desvalorização da carreira de professores observada no Brasil pode ser um dos motivos que leva à menor procura pelos homens.

Visando detalhar os grupos que apresentam maiores diferenças na participação feminina e investigar possíveis mudanças ao longo do tempo, este estudo considerou também o recorte de raça. Após a Lei de Cotas, houve um aumento expressivo na autodeclaração racial dos discentes, sendo que a raça parda foi a que teve um maior crescimento. Salienta-se que a opção “não dispõe de informação” deixou de ser disponibilizada para alunos com ano de ingresso a partir de 2014. Esta prática institucional contribuiu para a obtenção de informações mais completas sobre a raça. Vale destacar que o recorte raça-sexo evidenciou a sub-representatividade feminina em diferentes níveis conforme as categorias de raça. A raça preta apresentou menores níveis de participação quando comparada à proporção geral de mulheres nos cursos analisados. Houve, entretanto, um crescimento da participação feminina desta categoria no período. Com respeito ao tipo de curso, ressaltamos a maioria branca nos cursos de bacharelado, especialmente entre os formados. No caso da licenciatura, o padrão é diferente, com participação mais equilibrada do grupo de raças preta e parda quando comparado à raça branca. No contexto de categoria administrativa, enquanto há um equilíbrio maior entre o grupo de pretos e pardos quando comparado ao grupo de brancos entre os ingressantes, o mesmo padrão não é observado para os formados.

As análises apresentadas indicam, de forma geral, a sub-representatividade feminina nos cursos estudados, e podem subsidiar estudos futuros que visem entender as razões que contribuem para a diminuição da participação feminina em anos recentes nesses cursos. O caráter desse texto foi principalmente exploratório, e sugere-se um maior aprofundamento que possibilite o estudo das relações causais que elucidem quais variáveis poderiam ser modificadas para aumentar a participação feminina e de alguns grupos raciais nesses cursos. Outro aspecto que contribui para esse panorama de desigualdade e que não foi abordado aqui é a sub-representatividade feminina e de alguns grupos raciais em cargos de docência e decisão, coordenações de projetos de pesquisa e bolsas de produtividade na área estudada. Desse modo, outras pesquisas que abordem esses indicadores podem elucidar a questão da desigualdade e sugerir caminhos de transformação desse quadro.

## REFERÊNCIAS

Guedes, M. C. *Women's presence in undergraduate and graduate courses: deconstructing the idea of university as a male domain*. História, Ciências Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, Suppl., p.117-132, 2008.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Superior 2021: notas estatísticas*. Brasília, DF: Inep, 2022.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Manual de Preenchimento do Censo da Educação Superior 2022: Módulo Instituição de Educação Superior (IES)*. Brasília, DF: Inep, 2023.

Senkevics, A. S., & Mello, U. M. *O perfil discente das universidades federais mudou pós-Lei de Cotas? Cadernos de Pesquisa*, v. 49, n. 172, p. 184-208, 2019.

SIGMA JR. Sigma Júnior - Consultoria Estatística, Universidade Federal de Santa Maria. (2022) *Avaliação do perfil do gênero e raça dos estudantes de nível superior das instituições públicas e privadas do Brasil dos cursos voltados a Matemática e Estatística, para as situações de Ingressantes e Formados*. Santa Maria, RS: Sigma Jr, 2022. ([https://sbm.org.br/wp-content/uploads/2023/05/Relatorio\\_sigma-jr.pdf](https://sbm.org.br/wp-content/uploads/2023/05/Relatorio_sigma-jr.pdf))

Soares, C., & Saboia, A. L. *Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005*. Rio de Janeiro: Diretoria de Pesquisas, 2007. (Texto para Discussão, n. 21).

# AGRADECIMENTOS

Cabe-nos agradecer à empresa Sigma Jr. - Consultoria Estatística (Universidade Federal de Santa Maria) que trabalhou na coleta dos dados e às sociedades ABE, SBM, e SBMAC que proporcionaram apoio financeiro para que o trabalho da empresa pudesse ser realizado. O trabalho está resumido no relatório. Agradecemos também às participantes de mandatos anteriores da Comissão de Gênero e Diversidade da SBM e da SBMAC que propuseram este projeto junto às Sociedades. Do projeto inicial muito resta por ser feito, incluindo a análise da pós-graduação bem como a do ensino médio, que certamente representa um desafio enorme em termos de coleta de dados.

## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA

### Presidente:

Viviana Giampaoli

### Secretária Geral:

Audrey Helen Mariz de Aquino  
Cysneiros

### Tesoureira:

Hildete Prisco Pinheiro

## SOCIEDADE BRASILEIRA DE MATEMÁTICA APLICADA E COMPUTACIONAL

### Presidente:

Pablo M. Rodríguez

### 1º Vice-Presidente:

Kelly Cristina Poldi

### 2º Vice-Presidente:

Carlos Hoppen

### Secretário Geral:

Douglas Soares Gonçalves

### 1º Secretário:

Rubens de Figueiredo Camargo

### 2º Secretário:

Leandro Bezerra de Lima

### Tesoureira:

Grasiele Cristiane Jorge

### Grupo de trabalho (ABE-SBM-SBMAC)

Celina Miraglia Herrera de Figueiredo (UFRJ)

Cintya Wink de Oliveira Benedito (Unesp)

Denise de Siqueira (UTFPR)

Flávia Morgana de Oliveira Jacinto (UFAM)

Gisela Tunes da Silva (USP)

Guilherme Lopes de Oliveira (CEFET-MG)

Luciana Aparecida Elias (UFJ)

Maria Eulália Vares (UFRJ)

Maria Joseane F. Guedes Macêdo (UFERSA)

Miriam da Silva Pereira (UFPB)

Renata Rojas Guerra (UFSM)

Sonia Pinto de Carvalho (UFMG)

Sylvia Ferreira da Silva (UFRPE)

Thaís Cristina Oliveira da Fonseca (UFRJ)

### EXPEDIENTE

**Noticário SBM** é um informativo eletrônico da Sociedade Brasileira de Matemática, atualizado mensalmente e enviado via Internet para todos os associados e colaboradores.



### Sociedade Brasileira de Matemática

#### Presidente

Paolo Piccione (USP)

#### Vice-Presidente

Jaqueline Godoy Mesquita (UNB)

#### Diretores:

Walcy Santos (UFRJ)

Jorge Herbert Soares de Lira (UFC)

Daniel Gonçalves (UFSC)

Roberto Imbuzeiro (Impa)

#### Editor Executivo:

Ronaldo Garcia

#### Assessor Editorial:

Tiago Rocha

**NOTICÁRIO**  
Sociedade Brasileira de Matemática

#### Equipe Técnica

Tiago Costa Rocha

Katia Coutinho

#### Comitê Editorial

**Editor-chefe:** Nivaldo Grulha (USP)

Fernando Manfio (USP)

Flávio França Cruz (URCA)

Geraldo Márcio de Azevedo Botelho (UFU)

José Nazareno Vieira Gomes (UFAM)

Juliana Fernandes da Silva Pimentel (UFRJ)

Maria Inez Cardoso Gonçalves (UFSC)

Valéria Neves Domingos Cavalcanti (UEM)

#### Direção de Arte/Editoração

Pablo Diego Regino

**Contribuições são recebidas até o dia 20 do mês corrente, para publicação no informe do dia 30. Envie sua notícia para:** [noticiario@sbm.org.br](mailto:noticiario@sbm.org.br)



Nivaldo de Góes Grulha Júnior

### SOCIEDADE BRASILEIRA DE MATEMÁTICA

Estrada Dona Castorina 110, Sala 109  
Jardim Botânico  
Rio de Janeiro, RJ, CEP 22460-320  
Tel. (21) 2529-5065

Homepage: [www.sbm.org.br](http://www.sbm.org.br)  
Loja Virtual: [loja.sbm.org.br](http://loja.sbm.org.br)  
E-mail: [lojavirtual@sbm.org.br](mailto:lojavirtual@sbm.org.br)



[sbm.org.br](http://sbm.org.br)



**flickr**  
@sbmatematica